



O bispo Cipriano de Cartago e a conduta das virgens: refletindo sobre o comportamento e o espaço femininos na antiguidade tardia

Ana Teresa Marques Gonçalves*

Resumo

O Norte da África no III século d.C. foi assolado por pestilências, invasões, fugas, exílios e martírios. Todos estes fenômenos aparecem descritos nos tratados e nas cartas do Bispo Cipriano de Cartago. Imersos em tantos problemas, cabia aos líderes das comunidades cristãs indicar os melhores caminhos a serem seguidos pelos membros de seu rebanho de convertidos. Converter-se deveria gerar novas práticas sociais. Assim, Cipriano se viu provocado a refletir sobre a conduta das mulheres convertidas ao Cristianismo, visto que controlar a conduta feminina era uma forma de regular o comportamento masculino. Neste artigo, buscamos analisar seu sucinto tratado sobre a conduta das virgens, no qual verificamos a noção de virgindade defendida pelo Bispo, os espaços a serem ocupados e evitados pelas mulheres e a imagem de santidade a ser produzida publicamente por elas.

Palavras-Chave: Cipriano de Cartago, Bispo, África, Feminino

El obispo Cipriano de Cartago y la conducta de las vírgenes: una reflexión sobre el comportamiento del espacio femenino en la antigüedad tardía

Resumen

El norte de África en el siglo III d.C. fue asolado por pestes, invasiones, huidas, exilios y martirios. Todos estos fenómenos aparecen descritos en los tratados y cartas del Obispo Cipriano de Cartago. Inmersos en tantos problemas, correspondía a los líderes de las comunidades cristianas indicar los mejores caminos a seguir por los miembros de su rebaño de conversos. La conversión debería generar nuevas prácticas sociales. Así, Cipriano se vio provocado a reflexionar sobre la conducta de las mujeres convertidas al Cristianismo, ya que controlar la conducta femenina era una forma de regular el comportamiento masculino. En este artículo pretendemos analizar su sucinto tratado sobre la conducta de las vírgenes, en el que verificamos la noción de virginidad defendida por el Obispo, los espacios que las mujeres deberían ocupar y evitar y la imagen de santidad que deberían producir públicamente.

Palabras clave: Cipriano de Cartago, Obispo, África, Femenino

Bishop Cyprian of Carthage and the conduct of virgins: reflecting on female behavior and space in late antiquity

Abstract

North Africa in the 3rd century AD was ravaged by pestilences, invasions, flights, exiles and martyrdom. All these phenomena appear described in the treatises and letters of Bishop Cyprian of Carthage. Immersed in so many problems, it was up to the leaders of Christian communities to indicate the best paths to be followed by the members of their flock of converts. Converting should generate new social practices. Thus, Cyprian found himself provoked to reflect on the conduct of

* Universidade Federal de Goiás (UFG). Argentina. E-mail: anateresamarquesgoncalves@gmail.com

women converted to Christianity, since controlling female conduct was a way of regulating male behavior. In this article, we seek to analyze his succinct treatise on the conduct of virgins, in which we verify the notion of virginity defended by the Bishop, the spaces to be occupied and avoided by women and the image of holiness to be publicly produced by them.

Keywords: Cyprian of Carthage; Bishop; Africa; Feminine

Fecha de recepción: 04-04-2024

Fecha de aceptación: 02-06-2024

Primeiras Palavras: A Importância do Território Norte Africano

Terreno anexado ao comando latino após as Guerras Púnicas, que contrapôs as forças bélicas cartaginesas às romanas no segundo século a.C., portanto, nos primórdios da *Res Publica*, enquanto forma de governo, o norte da África converteu-se em fornecedor de trigo e de outros grãos essenciais para a dieta alimentar dos integrantes do Império. Além disso, de suas savanas acorriam vários dos animais que eram abatidos nas *venationes* (lutas entre gladiadores e feras) oferecidas nos anfiteatros da capital e de outras grandes cidades imperiais. Deste modo, o controle das riquezas produzidas pelos norte africanos, tributadas de forma intensa pelos romanos, converteu-se em tarefa primordial para o saneamento das finanças públicas latinas tanto na República quanto no Principado.¹

A manutenção das rotas de comércio e transporte marítimos pelo Mar Mediterrâneo, alcunhado pelos romanos de *Mare Nostrum*, tornou-se fundamental desde as campanhas de Pompeu no século I a.C. contra a pirataria.² Com a aquisição de certa segurança nas rotas marítimas mediterrânicas, várias famílias latinas migraram para o norte da África, enriquecendo com novas lavouras, novos portos e novas cidades fundadas pelos migrantes.³ Tal processo de integração do território norte africano ao território imperial romano, garantido pela cooptação das elites provinciais, teve seu ápice com a aclamação em 193 d.C. de um Imperador nascido na *gens Septímia*, importante família da cidade norte africana de *Leptis Magna*, hoje localizada no território da Líbia. Lúcio Septímio Severo foi o primeiro *Princeps* africano a governar Roma, sendo sucedido em 211 d.C. por seus filhos Caracala e Geta, que mesclavam em sua formação a africanidade da família de seu pai com a orientalização da família de sua mãe, Júlia Domna, natural de Emesa, o que hoje seria território citadino da Síria.

Septímio e seu herdeiro mais velho receberam inúmeras homenagens prestadas por meio da construção de estátuas e de arcos comemorativos. Enfatize-se que a maioria destas

¹ Donald S. POTTER (ed.), *A Companion to the Roman Empire*, Oxford, Blackwell, 2006, p. 245.

² Peter BROWN, Greg W. BOWERSOCK and Oleg GRABAR (eds.), *Interpreting Late Antiquity: Essays on the Postclassical World*, Londres, Harvard University Press, 2001, p. 226.

³ Pablo UBIERNA, *El Mundo Mediterráneo en la Antigüedad Tardía (300-800 d.C.)*, Buenos Aires, EUDEBA, 2007, p. 80.

construções se deu na África e na Ásia Menor, regiões que teriam sido beneficiadas com uma diminuição da tributação ao longo destes dois governos. Lembremos também que coube a Caracala a promulgação em 212 d.C. do Edito Antoniniano, que concedeu cidadania romana plena para todos os homens livres nascidos em território imperial, por meio do qual restabeleceu receitas públicas diminuídas com a liberação da carga tributária norte africana e asiática. Assim, quando a família de Cipriano se estabeleceu no território norte africano encontrou solo fértil para o enriquecimento fundiário.

Contudo, já começavam a se formar as bases para as primeiras perseguições aos convertidos ao Cristianismo no norte da África. Septímio Severo, em 202 d.C., lançou um edito imperial, no qual lembrava aos súditos da necessidade de realização dos sacrifícios e dos cultos aos deuses do Império e enfatizava a importância do culto ao *genius* do Imperador, pois havia ascendido ao poder após longa luta civil contra as legiões de Pescênio Nigro e Clódio Albino, e desgastante contenda externa contra os Partos, o que onerou de forma intensa o erário público. Com isso, acabou proibindo, mesmo que de maneira indireta, qualquer forma de proselitismo e propaganda religiosa concorrente à *religio licita*, atingindo assim especialmente a fé judaica e a fé cristã.⁴ Esta nova legislação causou grandes problemas aos cristãos, especialmente porque o estilo apologético e o caráter proselitista eram a principal forma de agregação de pessoas ao movimento cristão.⁵

Tentando solucionar as crises sociais e políticas vigentes, além de visar a agregação e a unidade social, este edito, que em sua essência não pode ser visto como um incentivo claro à perseguição de cristãos, acabou dando margem para tais ações, pois o edito imperial tinha status de lei. Logo, com o ato de desobediência feria-se o preceito jurídico romano da legalidade, sendo o desobediente passível de ser penalizado juridicamente pela sua desobediência e podendo chegar até a ser condenado pelo crime de Lesa-Majestade, ou seja, traição ao poder exercido pelo povo romano por intermédio de seus magistrados, dos quais o Imperador era o principal representante em Roma e nas províncias.⁶

Cipriano e suas Obras

Foi neste momento de transição entre a ocorrência de perseguições locais aos cristãos e o estabelecimento de uma política pública oficial de perseguição pelos Imperadores por meio de editos que Cipriano tornou-se Bispo em Cartago e passou a produzir suas obras. Para complicar ainda mais o cenário de sua produção literária, da pujança econômica ocasionada pela diminuição na cobrança de impostos severiana, o que permitiu o enriquecimento de muitos habitantes norte africanos e sua ascensão à ordem senatorial e mesmo a ocupação da

⁴ George A. KENNEDY, *Classical Rhetoric and its Christian and Secular Tradition from Ancient to Modern Time*, Londres, The University of North Carolina Press, 1999, p. 134.

⁵ Dominic CROSSAN, *O Nascimento do Cristianismo*, São Paulo, Paulinas, 2004, p. 86.

⁶ C. N. COCHRANE, *Cristianismo y Cultura Clásica*, Cidade do México, Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 66.

posição de Senador em Roma, o território norte africano passou a ser ferido pela ocorrência de enfermidades endêmicas, invasões úmidas e martírios levados a cabo pelos Governadores de Província e seus Pretores Peregrinos.⁷ Estes problemas recorrentes incentivaram o Bispo a ampliar sua obra, fornecendo aos conversos conselhos práticos frente às adversidades que se impunham, por meio de homilias, sermões e cartas.

Cipriano foi o primeiro Bispo a ser martirizado no norte da África.⁸ Essa proeminência foi conquistada a partir de muita oposição ao seu nome como autoridade eclesiástica local, mas não enquanto pensador dos dogmas e preceitos cristãos. Sua obra intelectual era bem recebida, mas sua figura de poder foi bastante questionada ao longo de seu episcopado. Lembremos, como o faz José Fernández Ubiña, que “a visão idílica de comunidades animadas pelo Espírito Santo e guiadas por pessoas carismáticas deve ser matizada.”⁹ Cobia ao Bispo tarefas de governo e assistência, que o transformavam numa autoridade institucional fundamental para algumas cidades na Antiguidade Tardia.¹⁰ Contudo, não podemos transferir impunemente os amplos poderes exercidos pelos Bispos no IV século d.C. para a situação vigente no episcopado norte africano do III século d.C.¹¹ Pelas próprias obras cipriânicas, vemos como os poderes do Bispo ainda estavam se estabelecendo, tendo Cipriano sofrido com uma forte oposição às suas ações efetivada por seus presbíteros, que não identificavam nele a *auctoritas* necessária para se tornar o chefe principal da comunidade cristã cartaginesa.

No que se refere especificamente a Tásccio Cecílio Cipriano, membro da importante *gens Cecilia*, proprietária de inúmeras terras e famosa por tornar seus membros influentes funcionários imperiais, temos que inicialmente diferenciá-lo de Cipriano de Antioquia, mago e também mártir. Nosso autor ficou conhecido como Cipriano de Cartago, pois foi Bispo desta importante cidade provincial norte-africana. Nasceu em família pagã abastada e depois se converteu ao Cristianismo, tendo, portanto, uma educação nordestada pelos paradigmas clássicos. A família Cecília teve vários homens membros do governo municipal, como nos informa a epigrafia, depois que os Gracos incentivaram a recolonização da região, antes ocupada pelos cartagineses inimigos de Roma na República, que tiveram sua capital incendiada no II século a.C., após as Guerras Púnicas.

A importância das cidades no mundo romano permanece na Antiguidade Tardia, mas sendo relativizada, pois com invasões constantes, inúmeras contendas militares e pestilências epidêmicas, muitos fugiram dos núcleos urbanos em busca da tranquilidade rústica,

⁷ Daniel BOYARIN, *Dying for God*, California, Stanford University Press, 1999, p. 17.

⁸ Sílvia ACERBI, Mar MARCOS y Juan TORRES (eds.), *El Obispo en la Antigüedad Tardia*, Madrid, Trotta, 2016, p. 127.

⁹ Juan FERNÁNDEZ UBIÑA, “Origen y Consolidación Del Episcopado Monárquico”, Sílvia ACERBI, Mar MARCOS y Juan TORRES (eds.), *El Obispo em la Antigüedad Tardia*, Madrid, Trotta, 2016, p. 37.

¹⁰ Peter BROWN, *A Ascensão do Cristianismo no Ocidente*, Lisboa, Presença, 1999, p. 24.

¹¹ Daniel ROPS, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, São Paulo, Quadrante, 1988, p. 34.

favorecendo o crescimento demográfico dos ocupantes permanentes das *villae*.¹² A Nova Cartago romanizada acabou se tornando capital da província da África Proconsular entre 200 e 210 d.C. De uma elite pagã, Cipriano passou a fazer parte de uma elite cristã. Nunca saiu das cercanias de Cartago, mas teve sólida formação em latim, grego, direito e retórica, chegando a ser mestre de oratória. Por intermédio da pregação do Presbítero Ceciliano, ele se converteu, sendo batizado por volta de 246 d.C. Entre 248 e 249 d.C. foi ordenado Presbítero e devido à sua formação e as suas extensas relações cidadinas foi nomeado Bispo. Enfrentou grande oposição, visto que cinco outros Presbíteros locais se colocaram contra sua nomeação. Na Carta *Ad Donatum*, ele cita os nomes dos seus opositores: Gaio, Górdio, Donato, Fortunato e Novato. Para acalmá-los, entregou grande parte dos seus bens à sua comunidade. Entretanto, com a perseguição de Décio, em 250 d.C., que atingiu fortemente as províncias orientais e norte-africanas, os bens doados foram confiscados e Cipriano acabou fugindo de Cartago, principalmente após a notícia do suplício do Papa Fabiano em Roma. O auto exílio resultou no aumento de sua prática epistolar. Alguns sermões, depois de proferidos, foram transformados em cartas e enviadas para Cartago.

Lembremos que os pesquisadores vinculados a uma História Política mais tradicional denominam o período cronológico que se estende de 235 d.C., ano da aclamação de Maximino Trácio, após a supressão capital de Severo Alexandre e de sua mãe Júlia Mamea, a 284 d.C., ano da ascensão de Diocleciano e da formação da chamada Tetrarquia, de Anarquia Militar. Esta conceituação advém da desorganização da linha sucessória dos Imperadores, pois após a ocorrência de quatro dinastias, os Príncipes passaram a ser aclamados de forma rápida pela ação dos exércitos que se encontravam lutando intensamente nas fronteiras contra as invasões inclementes de povos estrangeiros. Deste modo, não apenas o norte da África se encontrava passando por grandes agruras, mas várias províncias romanas, tanto a Oriente quanto a Ocidente.

O retorno de Cipriano à cidade de Cartago só foi possível depois de 251 d.C., quando os suplícios arrefeceram.¹³ Ele teve que lidar com dois graves problemas que aparecem referidos em suas cartas: o que fazer com os denominados *lapsi*, ou seja, os que negaram a fé cristã para não serem martirizados, mas que resolveram após o fim dos martírios retornarem à convivência da comunidade cristianizada;¹⁴ e uma grave enfermidade que assolou o norte da

¹² Julián GALLEGO y Carlos GARCÍA MACGAW (comps.), *La Ciudad en el Mediterráneo Antiguo*, Buenos Aires, Del Signo, 2007, p. 98.

¹³ William HARTEL, "Introduction", *Corpus Cipriani*, Londres, Routledge, 1936, p. 3.

¹⁴ Lembremos as obras cipriânicas respondendo a cartas de Estevão de Roma. Os dois discutiam sobre a questão do retorno dos apóstatas para o seio das comunidades cristãs e o que fazer com conversos que haviam sido batizados por ramos do Cristianismo que depois foram considerados heterodoxos e heréticos. Estevão defendia que eles já haviam sido batizados e que por isso já eram cristãos, só precisando ser informados dos preceitos ortodoxos. Já Cipriano defendia um "rebatismo", ou seja, que deveriam ser batizados novamente por um Bispo ou Presbítero ortodoxo. Esta posição cipriânica é bastante interessante, pois ele entendia a eucaristia como sacrifício e o batismo como uma pequena e rápida morte, pois o converso, após o "afogamento", voltaria à vida como

África entre 252 e 254 d.C. Devido à pestilência, o Imperador Treboniano Galo divulgou um Edito, determinando a realização de sacrifícios em honra a Apolo, o que fez aumentar ainda mais o martírio dos que se recusaram a realizar os rituais de sacrifício.¹⁵

Antes da divulgação de uma de suas obras mais importantes, a *De Mortalitate*, no final de 252 d.C., quando a pestilência recrudesciu, Cipriano divulgou uma carta denominada de *Ad Demetrianum*. Datada do início de 252 d.C. e dedicada ao pagão Demetriano, Cipriano, já Bispo, defende os cristãos de serem responsabilizados pela peste, ato comum desde o Principado de Nero. Nesta epístola, Cipriano considera tais calamidades como causadas pelos pecados dos pagãos, sua idolatria e as perseguições que instauraram contra os cristãos. Para ele, o que salvaria a vida humana seria não o retorno dos cristãos ao culto dos deuses pagãos, mas exatamente o contrário, ou seja, a conversão dos pagãos ao único e verdadeiro Deus, que seria o cristão.

Em 252 d.C., para completar o quadro de suplícios a serem enfrentados pelos africanos do Norte, os Númidas invadiram Cartago, saquearam a cidade e capturaram cristãos, com a intenção de escravizá-los e de cobrar resgates de famílias de posses. Sabe-se que Cipriano usou bens próprios e da Igreja para ajudar os saqueados e trazer de volta os cristãos sequestrados. Entre 254 e 256 d.C., Cipriano trocou inúmeras cartas com Estevão de Roma, pois tinham posturas muito diferentes sobre o batismo de hereges e os batismos proporcionados por hereges. Cipriano defendia o rebatismo, dizendo que o anterior não era válido, e foi um dos primeiros a defender o batismo de crianças muito pequenas. Entre 257 e 258 d.C., temos os Editos persecutórios do Imperador Valeriano. Enquanto Décio visava indivíduos cristianizados, Valeriano visou a instituição e seus principais líderes. Bispos e Presbíteros foram exilados, vigiados e proibidos de exercer cerimônias. Os que desobedeceram foram executados.

Cipriano foi inicialmente exilado em Cúrubis (atual Korba na Tunísia) e mais uma vez aumentou sua atividade epistolar. Em 258 d.C., foi levado para Cartago e decapitado. Suas cartas foram muito reproduzidas após o martírio, tanto que nos chegaram 431 manuscritos de suas obras. O *corpus* epistolar cipriânico é composto por 81 cartas, mas em várias ele é apenas o destinatário, não o remetente. Cipriano se converteu num dos mais importantes Padres Latinos, tendo seu túmulo se transformado em local de peregrinação. Infelizmente a localização de sua tumba hoje se acha perdida. Cipriano escreveu principalmente sobre questões que incomodavam a sua comunidade: o que fazer com os apóstatas, como enfrentar a peste, a necessidade de paciência, os constantes martírios e a força das heresias. Desta maneira, o Bispo dissertou inicialmente na busca não de garantir novas conversões, mas no

cristão, podendo exercer novas práticas sociais comunitárias. Tais concepções podem ser avaliadas nas obras, que não são o cerne deste artigo. Vide: Mar MARCOS (ed.), *Herejes en la Historia*, Madrid, Trotta, 2009.

¹⁵ Alan HANSON, "Roman Medicine", David S. POTTER (ed.), *A Companion to the Roman Empire*, Oxford, Blackwell, 2006, p. 497.

intuito de manter sua comunidade unida e firme na prática dos preceitos cristãos, frente aos problemas que se apresentavam.

Logo após o Edito de Décio em 250 d.C., que levou ao martírio de vários cristãos, sob o comando dos Procônules provinciais, o Bispo Cipriano enfrentou dois graves problemas que aumentaram a taxa de mortalidade cristã no norte da África: a invasão nômada e uma severa pestilência. Pouco nos chega em sua obra sobre as contendas militares, mas três cartas se referem diretamente à eclosão da epidemia e a sua manutenção por dois longos anos: as já referidas *Ad Demetrianum* e a *De Mortalitate*, e a *De Opere et Eleemosynis*,¹⁶ na qual o Bispo incita os fiéis, mormente os mais abastados, a fazerem o bem, visto que a peste teria feito com que muitos empobrecessem e ocasionado que vários convertidos tivessem se afastado dos doentes com medo da contaminação. Neste sermão convertido em epístola, Cipriano defende, antes de tudo, a prática da caridade, anunciando que a assistência aos necessitados não seria insignificante para a salvação.

Dois fatores retóricos devem ser destacados na produção destes três opúsculos. Primeiro, a identificação de um *topos* constante neste tipo de literatura cristã: o incitamento à ação frente à explanação de premissas de crença. Se há um fenômeno constatado que está mudando o modo de vida dos cristãos (martírios, guerras e/ou enfermidades), torna-se necessário refletir sobre o ocorrido à luz das Escrituras e indicar comportamentos a serem levados a cabo para a manutenção da comunidade. Segundo, a recorrência de uma ideia-força compartilhada em vários escritos cristãos: a preleção acerca de situações corriqueiras que podiam contaminar o imaginário em construção e gerar a formação de pensamentos e atos heterodoxos e/ou contrários à ortodoxia em formação.¹⁷ Assim, interpretar os Livros Sagrados e recolher passagens que servem como exemplos de atuação passam a ser ações fundamentais na condução do rebanho cristianizado, impregnando a produção de sermões, homilias, epístolas e tratados, que, deste modo, se transformam em verdadeiros manuais pedagógicos indicativos das melhores práticas cristãs a serem implementadas. E a autoridade, no sentido latino de *auctor*, para indicar tais caminhos, cabia majoritariamente aos Bispos, como Cipriano de Cartago.

Nas palavras do médico e pesquisador da História da Medicina Richard Gordon,¹⁸ possivelmente a doença que acometeu grande parte da população africana no III século d.C. teria sido o escorbuto, enfermidade causada pela ausência de Vitamina C na alimentação e diagnosticada após ocorrências constantes de hemorragias, ou a malária ou o tifo, ocasionadas pela falta de higiene e por água contaminada.¹⁹ Possivelmente, a desorganização do comércio

¹⁶ Que pode ser traduzida como *Sobre as Boas Obras e a Esmola*, datada do final de 252 ou início de 253 d.C.

¹⁷ Averil CAMERON, *Christianity and the Rhetoric of Empire: The Development of Christian Discourse*, Berkeley, University of California Press, 1994, p. 58.

¹⁸ Richard GORDON, *A História da Medicina*, São Paulo, Prestígio, 2002, p. 38.

¹⁹ Valerie M. HOPE, *Roman Death: the Dying and the Dead in Ancient Rome*, New York, Continuum, 2009, p. 44.

e da atividade agrária causada pelos constantes martírios e conflitos internos pode ter gerado uma falha alimentar e a piora nas condições de higiene. Além disso, tornou-se prática corrente o abandono dos doentes e o lançamento de cadáveres à rua. O não exercício constante das práticas funerárias adequadas interferia na relação com os deuses, cristão ou pagãos, e gerava um incremento das enfermidades pela contaminação das vias públicas. A quebra da *pax deorum*, identificada pelos gentios, recrudescia ainda mais os atos de perseguição efetivados contra os cristãos, visto que para o restabelecimento das benesses divinas os causadores da cólera dos deuses deveriam ser expurgados da comunidade.

A inferência de quais doenças poderiam ter se expandido na África Antiga advém do estudo atual dos sintomas como relatados pelos autores antigos. Em *Sobre a Mortalidade*, especificamente, Cipriano em uma passagem faz referência direta aos terríveis sofrimentos enfrentados pelos doentes contaminados:

“É proveitoso para o progresso da nossa fé que neste momento as vísceras dissolvidas em fluxo esgotem a força do corpo, que a febre interior queime a face ulcerada, que o estômago seja dilacerado por vômitos repetidos, que os olhos ardam pela afluência de sangue, que os pés e outros membros sejam amputados pelo contágio da podridão, que a doença se espalhe pelas juntas, tornando-as defeituosas e paralisadas, ou pelo corpo todo tornando obstruído o ouvido e cego os olhos”²⁰.

A eclosão desta alta mortalidade, que se espalhou igualmente entre pagãos e cristãos, levou os convertidos a questionarem a eficácia de sua fé, pondo em risco a constituição das comunidades cristianizadas. Cabia ao Bispo acalmar a população e indicar ações pertinentes e adequadas à leitura que fazia das Sagradas Escrituras. Como um farol a indicar caminhos a serem trilhados no meio da tormenta, a carta episcopal converte-se em peça retórica da mais alta importância teológica.

Anthony Corbeill defende que toda educação retórica nas mãos certas pode se transformar em fator de reprodução social.²¹ Assim, elaborar um discurso usando a linguagem corrente e encadeando argumentos coerentes e inteligíveis para uma determinada cultura teria como efeito possível gerar condutas sociais. Para Matthew Fox,²² a retórica se converte por meio da literatura e da prática oratória em instrumento de poder, pois gera efeitos. Cipriano, como Bispo, portanto como detentor de cargo de autoridade eclesiástica, moral e

²⁰ Cipriano de Cartago, *De Mortalitate*, XIV.1-30. Todas as traduções dos excertos cipriânicos foram feitas pela autora, a partir do texto latino disposto na Biblioteca de Autores Cristianos (2013).

²¹ Alan CORBEILL, “Rhetorical Education and Social Reproduction in the Republic and Early Empire”, William DOMINIK y Jon HALL (eds.), *A Companion to Roman Rhetoric*, Oxford, Blackwell, 2010, p. 69.

²² Matthew FOX, “Rhetoric and Literature at Rome”, William DOMINIK y Jon HALL (eds.), *A Companion to Roman Rhetoric*, Oxford, Blackwell, 2010, p. 375.

governamental, deve conduzir sua comunidade pelo bom caminho da correta interpretação das Sagradas Escrituras e dispor aos seus acólitos de argumentos capazes de estancar falsos questionamentos e inadequadas práticas sociais.

A Conduta Feminina Esperada e Estimulada

É neste contexto que Cipriano divulga sua homilia transformada em carta denominada *De Habitu Virginum*, que pode ser traduzida como *Sobre a Conduta das Virgens* ou *Sobre a Conduta das Consagradas*, ou seja, sobre as mulheres que decidiram viver de forma plena os princípios cristãos em comunidades específicas ou foram encaminhadas pelas famílias cristianizadas para viverem nestas comunidades. Entretanto, esta obra nos fornece informações muito mais amplas sobre a situação feminina norte africana no III século d.C., pois Cipriano também faz referência às viúvas e as mulheres casadas convertidas. Para o Bispo, a verdadeira vida ascética de auxílio ao próximo só se exerceria pela forma como a conversa se portava, ou seja, era pela ação cotidiana que se confirmava a conversão. O exercício da vaidade e a prática de vícios deveriam ser restritos aos gentios. Como ressalta Heres Freitas,²³ a obra é indubitavelmente inspirada no *De Cultu Feminarum* (*Sobre o culto exercido pelas mulheres*) de Tertuliano.

Optamos por analisar esta obra mais por seus cânones retóricos do que por intermédio das ferramentas hermenêuticas fornecidas pela História de Gênero, já tão utilizadas pelos que trabalham com as obras de Jerônimo e Agostinho. A relação entre feminino e masculino, vista de forma complementar e indissolúvel, sempre guiará nossas inferências, mas estamos mais interessados em identificar algumas permanências e outras tantas rupturas na constituição de uma retórica cristã construída a partir de uma retórica pagã. Todo o arcabouço argumentativo foi construído no III século d.C. tendo como parâmetro a oratória e a retórica clássicas, transmitidas pelo sistema pedagógico latino. Só mantendo a linguagem corrente e os significados primevos dos termos se consegue efetivar uma comunicação de mensagem e só com o passar do tempo pode-se imprimir novos significados a termos mais antigos.²⁴

Assim, pela análise da obra cipriânica, podemos identificar algumas permanências na conduta das famílias mais abastadas com relação ao encaminhamento de algumas de suas mulheres para o exercício do culto dos seres sobrenaturais. Enquanto as famílias pagãs latinas se orgulhavam de oferecer filhas para o culto da deusa Vesta, no qual permaneceriam dos 12 aos 30 anos, pelo menos, devendo manter sua virgindade sexual intacta,²⁵ frente a penalidades

²³ Heres D. de O. FREITAS, "Introdução", Cipriano de Cartago, *Obras Completas*, São Paulo, Paulus, 2016, vol. 1, p. 25.

²⁴ John MARINCOLA, *Authority and Tradition in Ancient Historiography*, Cambridge, University Press, 1997, p. 69.

²⁵ Lembremos que uma das mais importantes Virgens Vestais da mitologia romana, que se misturava com as histórias das origens do povo romano, foi Réia Sílvia, mãe de Rômulo e Remo, que havia sido engravidada pelo deus Marte, ligando fertilidade e guerra na concepção do primeiro Rei de Roma. Tanto na Realeza quanto na

definidas por lei, as famílias cristianizadas se orgulhavam de suas filhas, esposas e mães oferecidas à prática do culto cristão. E a virgindade a qual Cipriano se refere em sua obra dirige-se muito mais à manutenção de uma alma imaculada de atos libidinosos do que à ausência de atos sexuais corporais. A chave para a compreensão do que se espera das mulheres convertidas ao Cristianismo, visto como filosofia de vida, isto é, como disposição de atos e práticas diárias a serem exercidos pelos batizados, está no termo *habitus*, ou seja, na conduta a ser demonstrada publicamente pelas conversas, principalmente pelas que se dispunham a viver em prol de suas comunidades. No meio de tantas calamidades, Cipriano desde antes de se tornar Bispo já se preocupava em normatizar o comportamento feminino das convertidas, pois este gerava e interferia diretamente também no comportamento masculino. No pensamento cipriânico, os homens reagiam de acordo com a expressão pública do comportamento feminino. Desta forma, controlar a ação feminina era um bom meio de controlar a ação masculina, evitando a ocorrência e/ou manutenção de práticas vistas como pecaminosas.

Num momento em que a História da Sexualidade no Mundo Antigo ainda apresenta para as mulheres papéis sociais mais complexos do que a dicotomia Eva/Maria do medievo,²⁶ o Bispo Cipriano busca fornecer conselhos práticos para que as conversas se apresentassem publicamente como verdadeiras cristãs em fé e atos. Enquanto na retórica pagã a mulher se tornava uma verdadeira partícipe da comunidade ao se casar e se tornar mãe, no imaginário cristão em construção as mulheres poderiam ter grande inserção social em sua comunidade, garantindo *status* (*fama*) e honra (*honor*), sem precisarem passar pelo casamento e pela maternidade. Pelo contrário, identificam-se nas mártires e nas virgens virtudes quase masculinas, como a coragem e a lealdade, partes fundamentais da definição de *virtus*.²⁷ Enquanto no imaginário clássico a *pietas*, que aproximava o homem dos deuses, era expressa pela boa relação dos herdeiros masculinos com sua família e com sua pátria, na noção cristianizada do termo, cria-se uma *pietas* específica feminina a ser externada pela efetivação de boas ações, como cuidar de enfermos e dar esmolas.²⁸

Num autor pagão do II século d.C., como Polieno, que escreveu sua obra *Estratégias* durante o governo colegiado de Marco Aurélio e Lúcio Vero, vemos um capítulo de seu manual militar dedicado à utilização das capacidades femininas nas guerras. Para ele, a principal capacidade das mulheres seria a astúcia e esta poderia ser utilizada em ambiente bélico para esconder armamentos, levar projéteis para os companheiros encarcerados, entre outras peripécias. Enquanto o pagão macedônio Polieno reflete sobre como bem usar a astúcia feminina no

República, várias vestais foram acusadas de romper o pacto de virgindade e jogadas da rocha Tarpeia, na busca de garantirem sua inocência.

²⁶ Eva CANTARELLA, *Los Suplicios Capitales en Grecia y Roma*, Madrid, Akal, 1996, p. 12.

²⁷ Maria Helena da Rocha PEREIRA, *Estudos de História da Cultura Clássica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990, p. 44.

²⁸ Keith HOPKINS, *A World Full of Gods: The strange Triumph of Christianity*, New York, Plume, 2001, p. 13.

ambiente bélico, no mesmo período, II século d.C., em Alexandria, no norte da África, o cristão Clemente, na obra *O Pedagogo*, busca reprimir esta mesma astúcia:

“As mulheres, levadas por um tipo de elegância externa excessiva, evitam beber líquidos em copos largos, para não separar excessivamente seus lábios ao abrir a boca. Bebem indecentemente com lábios cuidadosamente apertados sobre a superfície dos vasos de alabastro, inclinando sua cabeça para trás, deixando o colo descoberto, em minha opinião sem recato nenhum. Estiram o colo na tentativa de engolir o que sorvem, deixando em desnudo para os convidados o que podem, (...) deixando-se arrastar para uma vida voluptuosa. Nenhum excesso convém ao homem educado, mas muito menos a uma mulher, para quem o fato de saber quem é deve bastar para inspirar pudor. Diz a Escritura:²⁹ ‘É motivo de grande ira uma mulher ébria’, como é irritante o fato de uma mulher se entregar à embriaguez. Por que? Porque neste estado ela não consegue dissimular sua indecência. A mulher se vê, assim, rapidamente arrastada para a desordem, se somente opta pelos prazeres.”³⁰

Para Clemente, não se deveria dar acesso à bebida alcoólica às mulheres, pois elas perderiam sua capacidade de se manterem ordenadas e castas. Cipriano encontra-se alinhado com o pensamento clementino, pois para o Bispo cartaginês seria pela conduta diária que se deveria demonstrar a conversão aos princípios e ao estilo de vida cristãos. Na obra sobre *A Conduta das Virgens* abundam passagens que buscam transformar em rotina o bom exemplo de comportamento que as convertidas deveriam dar às outras mulheres, mesmo as pagãs com as quais conviveriam na labuta diária.³¹

De Habitu Virginum pode ter sido a segunda obra composta por Cipriano, possivelmente em 249 d.C., logo após a divulgação da Carta a Donato (*Ad Donatum*), na qual expressa seu conflito com os presbíteros que lhe faziam oposição. Interessante notar como esses parecem ter sido os dois primeiros problemas que mereceram a atenção episcopal: a dificuldade de chefiar a comunidade de Cartago e a conduta das mulheres, que seria responsável por alguns comportamentos masculinos. Deste modo, o Bispo não se preocupava em apenas normatizar a rotina feminina, mas em controlar os comportamentos masculinos por intermédio de se evitar os desvios das mulheres.³²

²⁹ *Eclesiastes*, 26.8.

³⁰ Clemente de Alexandria, *O Pedagogo*, II.33.1-3.

³¹ Pierre HADOT, *O que é a Filosofia Antiga?* São Paulo, Loyola, 2010, p. 12.

³² Richard MILES (ed.), *Constructing Identities in Late Antiquity*, Londres, Routledge, 1999, p. 5.

A Virgindade Cipriânica

A virgindade cipriânica não indica apenas a integridade do corpo, nem a castidade perfeita, mas a virgindade espiritual a ser expressa tanto no seio de suas famílias quanto em pequenos grupos femininos:

“Querendo ornar-se com maior luxo, vaguear com mais liberdade, deixam de ser virgens, corrompidas por furtiva desonra, viúvas antes de serem desposadas, adúlteras não em relação aos maridos, mas a Cristo. Aquelas que tinham sido como virgens destinadas a imensas recompensas, agora tão grandes suplícios hão de sofrer pela virgindade perdida.”³³

Não é a prática sexual que retira a virgindade das consagradas, mas a vaidade, a mentira e os comportamentos considerados excessivos e equivocados, pela leitura cipriânica das Sagradas Escrituras, como estas estavam antes do Concílio de Nicéia (325 d.C.). Compartilhando o mesmo imaginário cristão norte africano de Clemente, Cipriano está mais preocupado com a presença feminina nos banhos nas termas e na prática dos *convivia*, os banquetes romanos, do que na sua ausência nos momentos de oração. Sua obra, que nos chegou dividida em 24 pequenos livros, pode ser vista como estruturada em três partes: uma introdução na qual o Bispo defende a disciplina como modo de vida para as mulheres cristãs (1-4); o desenvolvimento lógico do conteúdo a ser tratado, no qual apresenta os perigos da vaidade, das riquezas, dos ornamentos, dos lugares frequentados e das conversações mantidas (5-19); e a conclusão, com uma exortação a uma vida coerente com os princípios cristãos de humildade e sabedoria (20-24). Desta maneira, podemos ver como a disposição de conteúdo segue os cânones retóricos clássicos, após a definição do tema a ser tratado na homilia que se transformou em carta para que o ideário fosse divulgado, propagado, expandido mais fácil e rapidamente.

Ele começa a exposição ressaltando as vantagens, a finalidade e a utilidade da disciplina para as mulheres:

“A disciplina, guarda da esperança, laço da fé, guia no caminho da salvação, incentivo e alimento da boa índole, mestra da virtude, faz permanecer no Cristo, viver sempre e continuamente para Deus, faz obter as promessas celestes e os prêmios divinos. Segui-la é salutar; desviar-se dela, negligenciá-la, é mortal.”³⁴

³³ Cipriano de Cartago, *De Habitu Virginum*, XX. 1-3.

³⁴ Cipriano de Cartago, *De Habitu Virginum*, I.1-2.

Cipriano defende que os sacerdotes se empenhem em manter a disciplina dos convertidos, pois:

"Se Deus castiga a quem ama, e castiga para que se corrija, também os irmãos e, principalmente, os sacerdotes não odeiam, mas amam aqueles mesmos quês estes castigam para que se emendem. (...) As Sagradas Escrituras frequentemente e em diversas passagens recomendam a disciplina e o fundamento da religião e da fé começa pela observância e pelo temor."³⁵

O ideal seria glorificar Deus num corpo imaculado e puro, mantido com os melhores costumes.³⁶ E tal concepção se aplicaria tanto a homens quanto a mulheres. Portanto, Cipriano parte do geral para o particular; de conselhos aplicados a todos os membros da comunidade cristã, independente de gênero e de idade, para se concentrar a seguir na questão feminina, que muitas vezes ignorava os melhores costumes.

Primeiro ele se dirige às que renunciaram à concupiscência carnal, ao consagrarem a Deus seu corpo e sua alma (sejam moças jovens, viúvas que "resolveram" não voltar a se casar e/ou mulheres casadas que "decidiram" viver em castidade com os maridos). De qualquer forma, verifica-se sempre a presença da família e de homens na "escolha" feminina, sejam pais, maridos, irmãos, filhos.³⁷ O valor da continência deveria ser compartilhado por ambos os gêneros:

"Deus não prometeu a graça da continência somente aos homens, negligenciando as mulheres, principalmente porque a mulher é uma parte do homem e porque dele é tirada e formada. Em quase todas as Escrituras Deus se dirige àquele que foi formado primeiro por serem dois numa só carne e pelo masculino se designa também a mulher."³⁸

Cipriano chega a citar que até os pagãos conheciam as virtudes da castidade pela ocorrência dos eunucos. Alguns teriam nascido assim do seio materno; outros assim foram tornados pelos homens; e havia os que se castraram por causa do reino dos céus.³⁹ Deste modo, a ocorrência da continência era conhecida também pelos pagãos, sendo apenas justificada de forma diversa pelos cristãos. No pensamento cipriânico, o grande perigo para a manutenção da castidade seriam as vaidades humanas e o demônio usaria todas elas

³⁵ Cipriano de Cartago, *De Habitu Virginum*, II.1-8.

³⁶ Cipriano de Cartago, *De Habitu Virginum*, II.15.

³⁷ Nicole LORAUX, *Maneiras Trágicas de Matar uma Mulher*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988, p. 36.

³⁸ Cipriano de Cartago, *De Habitu Virginum*, IV.16-22.

³⁹ Cipriano de Cartago, *De Habitu Virginum*, IV.3-6.

para dificultar a vida dos convertidos. A mulher solteira deveria ser santa de corpo e alma, enquanto a casada deveria ser santa de alma pelo menos, e para isso ambas deveriam fugir de cuidados mundanos excessivos e de portarem ornamentos, que ostentavam para agradar aos homens, mas que acabavam ofendendo a Deus:⁴⁰

“A virgem não deve simplesmente ser virgem, mas conhecida e acreditada como tal. Que ninguém, ao ver uma virgem, possa duvidar da sua virgindade. (...) Por que se apresenta ornada, ataviada como se tivesse marido ou como se o procurasse? (...) Não é permitido a uma virgem ornar-se para parecer mais bela ou vangloriar-se de seu corpo e de sua beleza, pois ela não tem luta maior que aquela contra a carne, nem certame mais pertinaz senão para vencer e domar o corpo.”⁴¹

A nenhum cristão convém, muita menos a uma virgem, usar de artifícios sobre o corpo, seja vestuário, maquiagem ou calçado, para realçar a formosura ou esconder algum defeito.⁴² Para Cipriano, a verdadeira beleza estaria no pudor e na renúncia às riquezas. Seus livros 7, 8, 9, 10 e 11 são dedicados a admoestar as mulheres ricas e opulentas a não ostentarem suas riquezas, visto que “os verdadeiros bens são os divinos, os espirituais, os celestes, que nos levam a Deus e que permanecem conosco na posse eterna junto dele.”⁴³ Honra, pudor e moderação são os termos que mais se repetem na sua argumentação. Se é para usar as posses que Deus concedeu, que elas sejam usadas em boas obras: “Que os pobres reconheçam que és rica; os indigentes reconheçam que és opulenta; de teu patrimônio empresta a Deus com juros e alimenta o Cristo.”⁴⁴ Sendo assim, Cipriano, como um ser humano criado na riqueza, não impede a glória e a fama geradas pela opulência, mas indica o caminho mais cristão para se alcançar a *existimatio*. Não é uma proposta de se tornar pobre, mas usar a riqueza em boas obras, não em prazeres fúteis e ornamentos excessivos.

Como se deve parecer virgem frente à comunidade, não apenas sê-lo, o Bispo cartaginês enfatiza em três livros (12,13 e 14) os perigos de se sucumbir à vaidade de ostentar bens materiais em excesso:

“Deposita os teus bens onde nenhum ladrão os desenterre; onde nenhum bandido de emboscada faça irrupção. [...] Foi Deus quem deu a voz ao homem, mas nem por isso se devem cantar coisas dissolutas ou indignas. Deus quis que o ferro existisse para a cultura da terra e nem por isso se deve usar o ferro para fazer armas e cometer

⁴⁰ Cipriano de Cartago, *De Habitu Virginum*, V.1-20.

⁴¹ Cipriano de Cartago, *De Habitu Virginum*, V.30-37.

⁴² Cipriano de Cartago, *De Habitu Virginum*, VI.20-28.

⁴³ Cipriano de Cartago, *De Habitu Virginum*, VII.1-8.

⁴⁴ Cipriano de Cartago *De Habitu Virginum*, XI.6-8.

homicídios. Ou, então, porque Deus criou o incenso, o vinho e o fogo deveis sacrificar aos ídolos? Ou imolar vítimas e holocaustos aos deuses pagãos porque abundam os rebanhos de ovelhas nos teus campos? Na verdade, um grande patrimônio é uma tentação, se a fortuna não servir para boas obras, de modo que, cada qual, quanto mais rico for, tanto mais deve resgatar os pecados com o seu patrimônio, em vez de aumentá-los. (...) O luxo de ornamentos e vestes e a sedução das formas só convêm às prostitutas e às mulheres impudicas."⁴⁵

As jóias de ouro e prata, com pedras preciosas e pérolas, e as vestes de seda e púrpura são as mais recriminadas pelo Bispo, pois seriam típicas das meretrizes e feririam a modéstia. No livro 14, chega a lembrar os convertidos de que Deus não fez as ovelhas escarlates, assim modificar as cores dos elementos seria desvirtuar a natureza. O mesmo raciocínio é empregado para se condenar as incisões nas orelhas para os brincos, o pintar dos cabelos e a aplicação de maquiagem sobre o rosto:

"Julgo dever exortar não só as virgens ou as viúvas, mas também as casadas e todas as demais mulheres a não corromperem de modo algum o trabalho de Deus, as suas obras e modelos, aplicando-lhes a cor loura, pó negro ou vermelho, ou qualquer preparado que falsifique os traços naturais. (...) Atacam ao próprio Deus quando se aplicam a reformar e transmutar o que ele formou, ignorando ser obra de Deus tudo o que é natural, e do demônio tudo o que alterado. Se um artista fixasse numa obra a fisionomia de alguém, exprimindo adequadamente a sua aparência e os seus traços, e uma vez terminado o trabalho um outro resolvesse por a mão em seu quadro para reformar o que já fora delineado e pintado, como se fosse mais qualificado, essa ação pareceria um grave insulto ao primeiro artista e causa de justa indignação. (...) O que pensas ser adorno, o que pensas ser enfeite, é atentado contra a obra divina, é prevaricação da verdade. (...) Tu que assim procedes não receias que quando chegar o dia da ressurreição o teu criador não te reconheça?"⁴⁶

As virgens que não mantivessem costumes sóbrios e modestos deveriam ser afastadas do convívio das demais, para não contagiá-las vivendo em espaço comum.⁴⁷ Além do que se coloca no rosto e sobre a pele, as virgens deveriam prestar atenção ao que saíria da sua boca e ao que entraria pelos seus ouvidos:

⁴⁵ Cipriano de Cartago, *De Habitu Virginum*, XI.5-43 e XII.1-3.

⁴⁶ Cipriano de Cartago, *De Habitu Virginum*, XV.1-67 e XVI.1-2.

⁴⁷ Cipriano de Cartago, *De Habitu Virginum*, XVII. 48.

“A algumas virgens não causa vergonha estar entre os consortes e, naquela liberdade de conversações lascivas, travar colóquios torpes, ouvir palavras inconvenientes, dizer o que não é permitido, observar e presenciar discursos desonestos e festins licenciosos, nos quais se inflama o incentivo das paixões, em que a noiva é impelida à tolerância do defloramento e o noivo à petulância de deflorá-la.⁴⁸ (...) Embora possa permanecer virgem no corpo e no espírito, a virgindade que possuía diminui nos olhos, nos ouvidos e na língua.”⁴⁹

Assim, percebe-se como a virgindade imaginada por Cipriano invade outros orifícios femininos, além dos usuais onde se estabeleceu a questão da virgindade. Por isso, seu horror às Termas e a sua utilização pelos convertidos. Seu livro 19 é inteiro dedicado à condenação dos banhos públicos:

“O que dizer das que frequentam banhos promíscuos, que expõem a olhos curiosos e sensuais os corpos consagrados ao pudor e à pureza? Quando algumas vêem torpemente os homens nus e por eles são vistas despidas não apresentam elas mesmas uma sedução para os vícios? Não solicitam e atraem para sua corrupção e desonra os desejos dos presentes? (...) Essa ablução mancha, não lava; não limpa os membros, macula-os. Podes não olhar a ninguém impudicamente, mas és contemplada impudicamente pelos outros.”⁵⁰

Na concepção cipriânica, os banhos seriam piores que os teatros, em termos de espetáculos demoníacos. Não bastasse corromper a própria alma, a nudez feminina captaria a atenção masculina e, assim, propagaria a corrupção dos costumes entre pagãos e cristãos. Nos últimos livros, Cipriano louva a coerência dos que se converteram à crença cristã, pois o batismo indicaria um novo nascimento capaz de garantir uma nova forma de vida, na qual as virtudes cristãs deveriam prevalecer. Apresenta-se como um *pater* e pede as mulheres que o obedeçam, permanecendo sem maquiagem, sem adornos e sem ornamentos:

“Permaneça em vós a face impoluta, a cabeça não adornada, a beleza sem artifício. Não se abram chagas em vossas orelhas, nem a cadeia preciosa de pulseiras e colares vos aperte os braços ou o pescoço. Estejam os pés livre de áureos grillhões, não se tinjam os vossos cabelos, os olhos sejam dignos de contemplar a Deus. Frequentem-se os banhos em companhia de mulheres entre as quais o banho seja ocasião para a

⁴⁸ Referência às festas de casamentos pagãs nas quais os noivos são estimulados a terem filhos rapidamente.

⁴⁹ Cipriano de Cartago, *De Habitu Virginum*, XVIII.6-18.

⁵⁰ Cipriano de Cartago, *De Habitu Virginum*, XIX.1-19.

modéstia para convosco. Evitem-se as inconvenientes festas nupciais e os banquetes lascivos, cuja participação é perigosa. Tu que é virgem sê superior às vestes. Tu que vences a carne e o mundo, vence também o ouro. Não convém ser invencível nas coisas maiores e deixar-se superar nas menores."⁵¹

A seguir, compara as virgens aos mártires, que dão prova pública de adesão à fé cristã, e aos anjos, que têm a oportunidade de se aproximarem cada vez mais de Deus. Coloca no mesmo patamar a ordem divina para crescer e gerar e o aconselhamento, também divino, à continência,⁵² visto que o mundo já se encontrava povoado e repleto. As mais idosas deveriam ensinar as mais jovens e estas deveriam rivalizar em provas de virtude, para garantir a ressurreição.⁵³

Considerações Finais

Portanto, Cipriano, enquanto sacerdote responsável por garantir a ressurreição de todo o seu rebanho de fiéis, vê-se com a obrigação de indicar o melhor caminho a ser trilhado pelos conversos. Apoiando-se na leitura que fazia das Escrituras que lhe chegavam no norte da África no III século d.C., o cartaginês buscou orientar o comportamento feminino, para que este gerasse boas práticas e evitasse os desvios masculinos. Sua noção de virgindade é construída a partir da conduta exercida pelas mulheres e não somente pela prática sexual. Assim, trata-se de uma pregação ampla a respeito da melhor forma de se viver em conjunto no interior da comunidade cristã que ele dirigia e na qual gostaria de verem evitados comportamentos definidos como desviantes, heréticos e/ou pecaminosos. Em meio a tantas dificuldades, como pestilências, invasões, conflitos dogmáticos, perseguições, martírios, fugas e exílios, o Bispo se preocupou em também direcionar a conduta dos convertidos, para que toda a comunidade pudesse pavimentar o caminho para o reino celeste.

Bibliografia

ACERBI, Silvia, MARCOS, Mar y TORRES, Juan (eds.), *El Obispo en la Antigüedad Tardia*, Madrid, Trotta, 2016.

BÍBLIA SAGRADA, *Nova Versão Internacional*, São Paulo, Vida, 2003.

⁵¹ Cipriano de Cartago, *De Habitu Virginum*, XXI. 6-19.

⁵² Cipriano de Cartago, *De Habitu Virginum*, XXIII.1-2.

⁵³ Cipriano de Cartago, *De Habitu Virginum*, XXIV.1-4.

- BOYARIN, Daniel, *Dying for God*, California, Stanford University Press, 1999.
- BROWN, Peter, *A Ascensão do Cristianismo no Ocidente*, Lisboa, Presença, 1999.
- BROWN, Peter, BOWERSOCK, Greg W. and GRABAR, Oleg (eds.), *Interpreting Late Antiquity: Essays on the Postclassical World*, Londres, Harvard University Press, 2001.
- CAMERON, Averil, *Christianity and the Rhetoric of Empire: The Development of Christian Discourse*, Berkeley, University of California Press, 1994.
- CANTARELLA, Eva, *Los Suplicios Capitales en Grecia y Roma*, Madrid, Akal, 1996.
- CIPRIANO DE CARTAGO, *Obras Completas*. Trad. Monjas Benedictinas de Minas Gerais, São Paulo, Paulus, 2016, v. 1 e 2.
- CIPRIANO DE CARTAGO *Opera*. Trad. Marco Simonetti, Roma, BUR, 1987.
- CIPRIANO DE CARTAGO, *Obras Completas*. Trad. Juan Antonio Gil-Tamayo, Madrid, BAC, 2013.
- CLEMENTE DE ALEJANDRIA, *El Pedagogo*. Trad. Joan Sariol Díaz, Madrid, Gredos, 2016.
- COCHRANE, C. N., *Cristianismo y Cultura Clásica*, Cidade do México, Fundo de Cultura Econômica, 1992.
- CORBEILL, Alan, "Rhetorical Education and Social Reproduction in the Republic and Early Empire", DOMINIK, William and HALL, Jon (eds.), *A Companion to Roman Rhetoric*, Oxford, Blackwell, 2010, pp. 69-82.
- Corpus Cipriani*. Trad. William Hartel, Londres, Routledge, 1936.
- CROSSAN, Dominic, *O Nascimento do Cristianismo*, São Paulo, Paulinas, 2004.
- CYPRIANUS, "De Habitu Virginum; Pseudo-Cyprianea I", MATTEI, Paul and CICCOLINI, Laetitia (eds.), *Corpus Christianorum. Series Latina*, Turnhout, Brepols, 2016.
- FERNÁNDEZ UBIÑA, Juan, "Orígen y Consolidación Del Episcopado Monárquico", ACERBI, Silvia, MARCOS, Mar y TORRES, Juan (eds.), *El Obispo en la Antigüedad Tardía*, Madrid, Trotta, 2016, pp. 37-68.
- FOX, Matthew, "Rhetoric and Literature at Rome", DOMINIK, William and HALL, Jon (eds.), *A Companion to Roman Rhetoric*, Oxford, Blackwell, 2010, pp. 369-381.
- FREITAS, Heres D. de O., "Introdução", CIPRIANO DE CARTAGO, *Obras Completas*. Trad. Monjas Benedictinas de Minas Gerais, São Paulo, Paulus, 2016, v. 1, pp. 21-38.
- GALLEGO, Julián y GARCÍA MACGAW, Carlos (comps.), *La Ciudad en el Mediterráneo Antiguo*, Buenos Aires, Del Signo, 2007.
- GORDON, Richard, *A História da Medicina*, São Paulo, Prestígio, 2002.
- HADOT, Pierre, *O que é a Filosofia Antiga?*, São Paulo, Loyola, 2010.
- HANSON, Alan, "Roman Medicine", POTTER, David S. (ed.), *A Companion to the Roman Empire*, Oxford, Blackwell, 2006, pp. 492-523.
- HARTEL, William, "Introduction", *Corpus Cipriani*. Trad. William Hartel, Londres, Routledge, 1936, pp. 2-36.
- HOPKINS, Keith, *A World Full of Gods: The strange Triumph of Christianity*, New York, Plume, 2001.
- KENNEDY, George A., *Classical Rhetoric and its Christian and Secular Tradition from Ancient to Modern Times*, Londres, The University of North Carolina Press, 1999.

- LORAUX, Nicole, *Maneiras Trágicas de Matar uma Mulher*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.
- MARCOS, Mar (ed.), *Herejes en la Historia*, Madrid, Trotta, 2009.
- MARINCOLA, John, *Authority and Tradition in Ancient Historiography*, Cambridge, University Press, 1997.
- MILES, Richard (ed.), *Constructing Identities in Late Antiquity*, Londres, Routledge, 1999.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Estudos de História da Cultura Clássica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- POLIENO, *Estratagemas*. Trad. José Vela Tejada, Madrid, Gredos, 2016.
- POTTER, Donald S. (ed.), *A Companion to the Roman Empire*, Oxford, Blackwell, 2006.
- ROPS, Daniel, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, São Paulo, Quadrante, 1988.
- TERTULIANO, *Obras Completas*. Trad. Edoardo Sánchez Salor, Madrid, Gredos, 2001.
- UBIERNA, Pablo, *El Mundo Mediterráneo en la Antigüedad Tardia (300-800 d.C.)*, Buenos Aires, EUDEBA, 2007.